

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto de Letras e Linguística

MARCOS DANIEL LONGHINI



O que os tradutores ensinam quando falam de si:
escritores-tradutores na *Coleção Palavra de Tradutor*

Uberlândia/MG

2026

MARCOS DANIEL LONGHINI

O que os tradutores ensinam quando falam de si:
escritores-tradutores na *Coleção Palavra de Tradutor*

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientadoras:

Profa. Dra. Patrícia Rodrigues Costa (UFU)

Profa. Dra. Marcela Henrique de Freitas
(IFSertãoPE)

Uberlândia/MG

2026

MARCOS DANIEL LONGHINI

O que os tradutores ensinam quando falam de si:
escritores-tradutores na *Coleção Palavra de Tradutor*

Monografia apresentada ao Curso de
Tradução do Instituto de Letras e Linguística
da Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Tradução

Banca de Avaliação:

Profa. Dra. Patrícia Rodrigues Costa – UFU
Orientadora

Profa. Dra. Marcela Henrique de Freitas – IFSertãoPE
Orientadora

Profa. Dra. Marileide Dias Esqueda – UFU
Membro interno

Dr. Rodrigo D'Ávila Braga Silva – UnB
Membro Externo

Me. Cecília Franco Morais
Membro Externo (Suplente)

Uberlândia/MG, 28 de julho de 2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L854 Longhini, Marcos Daniel, 1976-
2026 O que os tradutores ensinam quando falam de si [recurso eletrônico] : escritores-tradutores na Coleção Palavra de Tradutor / Marcos Daniel Longhini. - 2026.

Orientadora: Patrícia Rodrigues Costa.

Coorientadora: Marcela Henrique de Freitas.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Tradução.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Costa, Patrícia Rodrigues, 1986-, (Orient.). II. Freitas, Marcela Henrique de, 1988-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Tradução. IV. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - GRADUAÇÃO

Curso de Graduação em:	Tradução				
Defesa de:	GTR031 - Monografia				
Data:	28/07/2026	Hora de início:	16h	Hora de encerramento:	18h
Matrícula do Discente:	12311TRD201				
Nome do Discente:	Marcos Daniel Longhini				
Título do Trabalho:	O que os tradutores ensinam quando falam de si: escritores-tradutores na Coleção Palavra de Tradutor				

A carga horária curricular foi cumprida integralmente?	(X) Sim () Não
--	--------------------

Reuniu-se, em sessão pública, de forma híbrida, no bloco 1U, sala 1U209, por meio da plataforma Microsoft TEAMS, link de acesso: <https://teams.microsoft.com/meet/296025171861615?p=nDqsuyM41jnadXDTsk>, a Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Tradução, assim composta: Prof.^a Dr.^a Patrícia Rodrigues Costa (Orientadora) – ILEEL/UFU; Prof.^a Dr.^a Marcela Henrique de Freitas (Orientadora) – IFSertãoPE; Prof.^a Dr.^a Marileide Dias Esqueda – ILEEL/UFU e Prof. Dr. Rodrigo D'Ávila Braga Silva – UnB.

Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, a Prof.^a Dr.^a Patrícia Rodrigues Costa, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público e concedeu ao discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso.

Em seguida, a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

(X)

Aprovado Nota: 100

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente

ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Patrícia Rodrigues Costa, Professor(a) do Magistério Superior**, em 31/07/2026, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcela Henrique de Freitas, Usuário Externo**, em 31/07/2026, às 23:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marileide Dias Esqueda, Professor(a) do Magistério Superior**, em 03/08/2026, às 13:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **RODRIGO DAVILA BRAGA SILVA, Usuário Externo**, em 03/08/2026, às 13:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7520165** e o código CRC **6FC15B53**.

DEDICATÓRIA

Naquela manhã de agosto de 2023, tive que deixar você no hospital, pois precisava retornar para Uberlândia, de modo a iniciar as aulas no curso de Tradução. Faltar à primeira semana implicaria perder a vaga. Você não deve ter visto, mas meus olhos se encheram de lágrimas à medida que me afastava de seu leito, e você, ali, olhava eu partir. Depois de dias angustiantes, em que meus pensamentos estavam somente em você, pude retornar no final de semana. Naquele sábado de uma manhã ensolarada, de mãos dadas, só nós dois, assisti a sua partida, seu último respiro, depois de tudo que vivemos juntos por 47 anos. Creio que foi como você queria. Vó Helena, a você dedico este trabalho, este curso, o qual não pôde me acompanhar em sua conclusão...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores e professoras com os quais e as quais pude aprender no decorrer do curso: Cecília Franco Morais, Cleudemar Alves Fernandes, Cynthia Beatrice Costa, Daniel Padilha Pacheco da Costa, Ernesto Sérgio Bertoldo, Francine de Assis Silveira, Leonardo Francisco Soares, Lidiane Carlos Ramos, Júlia Batista Castilho de Avellar, Marcus Vinícius Lessa de Lima, Igor Antônio Lourenço da Silva, Marileide Dias Esqueda, Maurício Viana de Araújo, Paula Arbex, Pedro Malard Monteiro, Silvana Maria de Jesus e Stéfano Paschoal. Agradecimentos especiais vão para as orientadoras Patrícia Rodrigues Costa e Marcela Henrique de Freitas.

Também agradeço ao secretário Fernando de Oliveira Silva, assim como aos demais colegas com os quais também muito aprendi no decorrer das aulas.

“A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento.”
(Ecléa Bosi, 1987)

RESUMO

Entender como ocorre o processo de formação do profissional Tradutor permite compreender não somente como se dá o trabalho deste profissional e as competências tradutórias que ele deve lançar mão em seu ofício, mas também possibilita refletirmos em que medida os cursos de formação de tradutores estão em sintonia com as especificidades das demandas com que estes profissionais encontram na sua atividade cotidiana. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar aspectos do fazer profissional de escritores-tradutores que propiciem reflexões para a formação de novos tradutores. Como metodologia, analisaremos duas entrevistas publicadas na coleção *Palavra de Tradutor* com dois tradutores que atuam também como escritores: Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto. O estudo deste material possibilita a identificação de fatos comuns e incomuns que permitiram compreender como as trajetórias profissionais se constituem, bem como identificar como as competências tradutórias se desenvolvem ao longo do fazer profissional do Tradutor. Os resultados indicam a mobilização de um rol delas, em especial, a subcompetência instrumental, ainda que não só, o que revela a importância de os cursos de formação estarem atentos a isso. No entanto, há fatores contingenciais que extrapolam a formação e que estão relacionados às vivências, como a própria atuação como escritores, algo que, de certa forma, influencia a forma como traduzem

Palavras-chave: competência tradutória; formação de Tradutores; análise do conteúdo; Ana Maria Machado; Paulo Henriques Britto.

ABSTRACT

Understanding how professional translators are trained allows us to grasp not only how they carry out their work and the translation competencies they must employ in their craft, but also enables us to reflect on the extent to which translator training programs are aligned with the specific demands these professionals face in their daily work. In this regard, the overall objective of this research is to analyze aspects of the professional practice of writer-translators that can inform the training of new translators. As a methodological approach, we will analyze two interviews published in the *Palavra de Tradutor* collection with two translators who also work as writers: Ana Maria Machado and Paulo Henriques Britto. The study of this material allows us to identify common and uncommon patterns that help us understand how professional trajectories are formed, as well as to identify how translation competencies develop throughout a translator's professional career. The results indicate the use of a range of such competencies, particularly — though not exclusively — instrumental sub-competence, which highlights the importance of training programs paying close attention to this aspect. However, there are contingent factors that go beyond formal training and are related to personal experiences, such as their work as writers, which, in a certain way, influences how they translate.

Keywords: Translation competence; translator education; content analysis; Ana Maria Machado; Paulo Henriques Britto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 AS BASES TEÓRICAS	16
2.1 <i>Estudos do Tradutor</i>	16
2.2 <i>Competência tradutória sob o olhar do modelo do PACTE</i>	18
3 A PESQUISA	22
3.1 <i>Objetivos</i>	22
3.1.1 <i>Objetivo geral</i>	22
3.1.2 <i>Objetivos específicos</i>	22
3.2 <i>A pergunta de pesquisa</i>	22
3.3 <i>Delimitação e caracterização do corpus: A coleção Palavra de Tradutor</i>	22
3.4 <i>Escritores-tradutores na coleção Palavra de Tradutor: Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto</i>	23
3.5 <i>Procedimentos metodológicos de análise</i>	25
3.6 <i>Categorias de análise não apriorísticas</i>	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Somos o que nossa memória é. Poucas pessoas pensam o que elas podem passar a ser quando suas memórias, por algum motivo, se vão. Essa discussão fica evidente quando Marcelo Rubens Paiva (2015), em seu livro *Ainda estou aqui*, narra a trajetória de perda da memória de Eunice Paiva, sua mãe, na medida em que seu quadro de Alzheimer progredia.

Nesse sentido, resgatar e registrar memórias é eternizar as histórias vividas, os contextos de criação de um campo de conhecimento e seus movimentos de avanço e retrocesso, a identificação de pontos de ruptura, mudanças de direção, contextos políticos e ideológicos, dentre outros. Bosi (1987, p. 3), inspirada em Bergson e Halbwachs (1984), afirma que a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento, o que nos ajuda a entender por que cada um recorda algo em uma determinada sequência de fatos, eventos e acontecimentos. Nessa mesma linha, Thompson (1992, p. 194-195) explica que

para cada um de nós, nosso modo de vida, nossa personalidade, nossa consciência, nosso conhecimento constroem-se diretamente com nossa experiência de vida passada. Nossas vidas são a acumulação de nossos passados pessoais, contínuos e indivisíveis.

Indo ao encontro das afirmações de Halbwachs (1984) e de Thompson (1992), Marilena Chauí, na apresentação do livro *Lembranças de velhos*, de Ecléa Bosi, argumenta que

o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique (Bosi, 1987, p. 30).

Logo, a memória, segundo Meihy e Holanda (2007), constitui-se em artifício político-social para marcar os elementos identitários de uma comunidade. A abrangência e a repetição são marcas da memória coletiva.

Nessa seara, Fonseca (1997) esclarece que as instituições sociais exercem forte influência no que foi lembrado e no modo como foi lembrado. A autora salienta

ainda que a memória de cada indivíduo é, sobretudo, construída coletivamente por grupos sociais. Refletir sobre as nossas próprias práticas profissionais é uma forma de interpelar o espaço em que construímos nossa identidade, que se caracteriza como lugar de conflitos e de elaboração de modos de ser e estar na profissão.

Segundo Bosi (2003), há uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimento, ideias e valores que dão identidade àquela classe. Isso provavelmente é o que ocorre, também, com os tradutores¹.

Mas, como esse profissional se constitui em nosso país? Silva-Reis e Milton (2016), assim como Zica (2015), afirmam que a Tradução, desde a origem do Brasil, foi uma atividade não valorizada, por vezes, oculta. Ela ganha ou perde ênfase em função do momento político, social e econômico do país. Por exemplo, no Brasil Colônia, a atividade dos intérpretes, chamados de “línguas” à época (Wyler, 2003), era necessária para a comunicação com indígenas e escravizados. No Brasil Império, a tradução ganha força com seu emprego em obras didáticas para os cursos de formação nas áreas emergentes, como Medicina e Engenharia (Wyler, 2003). No século XX, com o processo de industrialização, fez-se necessária a tradução de manuais e materiais técnicos que garantissem a sustentabilidade do desenvolvimento. Todavia, a atividade somente passou a ser reconhecida como uma profissão liberal em 1988, devido aos esforços da Associação Brasileira de Tradutores (Abrates), fundada por Paulo Rónai em 1974 (Wyler, 2003).

Ou seja, ir ao encontro desse profissional e compreender aspectos de suas histórias de vida e percursos profissionais é também recontar momentos históricos pelos quais o país passou e como eles atravessaram suas vivências. Nessa pesquisa, nos valeremos de entrevistas previamente concedidas por profissionais que trabalham com tradução, mas que também são escritores. Isto é, entrevistas de dois escritores-tradutores realizadas a convite de pesquisadores da área de Estudos da Tradução e que foram publicadas na coleção *Palavra de Tradutor* publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tomaremos como eixo de análise elementos das entrevistas que nos permitirão identificar suas motivações pessoais e principais estratégias

¹ Empregaremos o termo “tradutor” para nos referirmos, ao longo do texto, ao e à profissional que trabalha com a atividade de tradução, independentemente do gênero.

empregadas por estes tradutores no decorrer da atividade tradutória, assim como algumas das competências mobilizadas.

Entender como se dá o processo de constituição do profissional tradutor traz possibilidades de compreender não somente como é o trabalho desse profissional e as competências das quais deve lançar mão em seu fazer tradutório, mas também nos possibilita refletir em que medida bacharelados em Tradução e outros cursos de formação na área estão em sintonia com as especificidades de demandas com que estes profissionais encontraram na sua atividade cotidiana. Assim, justifica-se a realização deste estudo com a finalidade de trazer elementos que contribuam não apenas para a divulgação e o reconhecimento do trabalho do tradutor, mas para pensar na formação inicial e continuada de tais profissionais.

Nesse sentido, este trabalho busca responder à seguinte questão central: *que aspectos do fazer profissional de escritores-tradutores podem ser depreendidos quando esses profissionais falam de si?*

Para tanto, buscaremos identificar, por meio das referidas entrevistas previamente feitas, aspectos que permitam analisar suas motivações pessoais e profissionais para o trabalho como tradutores, as principais estratégias de tradução usualmente empregadas e as competências geralmente mobilizadas no seu fazer cotidiano.

2 AS BASES TEÓRICAS

2.1 Estudos do Tradutor

Quando pensamos na figura do tradutor, por vezes, imaginamos um profissional isento de intenções, cuja tarefa se limita a transpor um texto de uma língua para outra. Mas, por detrás desse profissional, há um indivíduo, como afirma Kaindl (2025), constituído por sua história, seus valores, seu grupo étnico, sua orientação sexual etc. Segundo esse mesmo autor, tais identidades não se encontram dissociadas; ao contrário, uma interfere na constituição da outra.

Essa relação pode ser observada no exemplo apresentado por Findlay (2014 *apud* Kaindl 2025, p. 335), ao discutir a biografia de Charles Kenneth Scott Moncrieff, primeiro tradutor de *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, para o inglês:

Ele possuía uma variedade de identidades: era inglês, filho, escritor, homossexual, soldado, católico e espião. O relato de sua vida demonstra claramente como suas aspirações por uma identidade como escritor, sua identidade como soldado, seu papel como filho, sua atividade como espião e, sobretudo, sua identidade de gênero e sexual, influenciaram significativamente o desenvolvimento de sua identidade como tradutor. Isso não se restringiu ao seu comportamento social como tradutor, mas também à sua escolha de textos para traduzir e, em última instância, à maneira como traduzia ² (Findlay, 2014 *apud* Kaindl, 2025, p. 335. Minha tradução.).

Logo, observa-se um movimento de valorização dos aspectos pessoais que permeiam a atividade tradutória, reconhecendo que o fazer tradutório é atravessado pelas experiências, identidades e posicionamentos de quem traduz. Segundo Kaindl (2025), um dos episódios que impulsionou o interesse pela figura do tradutor como sujeito dotado de personalidade e identificada ocorreu em 2021, durante a controvérsia em torno da tradução do poema *The Hill We Climb* recitado por Amanda

² *He had a variety of identities, he was an Englishman, a son, an author, a homosexual man, a soldier, a Catholic and a spy. The account of his life clearly shows how his aspirations for an identity as an author, his identity as a soldier, his role as a son, his activity as a spy and, above all, his gender and sexual identity had an important influence on the development of his identity as a translator. This not only concerned his social behaviour as a translator, but also his choice of texts to translate and, ultimately, the way in which he translated* (Findlay, 2014 *apud* Kaindl, 2025, p. 335).

Gorman³ na posse do 47º Presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. O debate sobre quem poderia traduzir o poema trouxe à tona questões relacionadas à biografia do tradutor e, por extensão, à sua identidade.

De acordo ainda com Kaindl, tais aspectos nem sempre foram considerados nos estudos relacionados à tradução. Segundo ele, nas décadas de 1950 e 1960, a atividade tradutória era concebida como “ações tradicionais”, guiadas por um objetivo específico e fixo: traduzir de uma língua para outra. Nesse contexto, as chamadas “ações afetivas”, por Kaindl (2025), eram consideradas indesejáveis e, por isso, deliberadamente excluídas das reflexões sobre a prática tradutória.

Todavia, Kaindl (2025) ressalta que os estudos que consideram os aspectos biográficos dos tradutores ainda “estão na infância”. Conforme o autor, no campo dos Estudos da Tradução, são poucos os trabalhos dedicados a essa temática e isso se dá, possivelmente, porque ainda não se espera que a trajetória de vida do tradutor seja relevante para a compreensão do seu trabalho. Nesse contexto, uma das mudanças mais recentes no campo consiste justamente em mudar o foco de investigação: do texto traduzido para o sujeito que o traduz, conforme destaca Chesterman (2014).

Apesar de recente, esse ramo emergente já pode ser identificado no âmbito dos Estudos da Tradução: os *Estudos do Tradutor* (do inglês, *TranslaTOR Studies*). De acordo com Chesterman (2014), esse ramo é composto por quatro grandes vertentes de investigação: a textual, a cultural, a cognitiva e a sociológica. Destas, segundo o autor, as três últimas têm como foco o tradutor, contemplando aspectos relacionados à sua atuação, às suas práticas, aos seus processos cognitivos e à sua inserção social.

Segundo Chesterman (2014, p. 39):

O ramo cultural lida com valores, ética, ideologias, tradições, história, examinando os papéis e as influências de tradutores e intérpretes ao longo da história, como agentes de evolução cultural. O ramo cognitivo trata dos processos mentais, das tomadas de decisão, do impacto das emoções, das atitudes às normas, da personalidade etc. O ramo sociológico lida com o comportamento observável dos tradutores e intérpretes como indivíduos, grupos ou instituições, suas redes sociais, status e processos de trabalho, as suas relações com outros grupos e com a tecnologia relevante, e assim por diante (Chesterman, 2014, p. 39).

³ Disponível em: <https://forbes.com.br/negocios/2021/01/poema-inaugural-de-amanda-gorman-foi-inspirado-nos-motins-do-capitolio/> Acesso em: 8 jul. 2026.

Logo, tal ramo estaria concentrado na “sociologia do traduzir” ou “dos tradutores”, o que englobaria questões como a remuneração, condições de trabalho, hábitos do tradutor, suas motivações (*te/oí*), redes de tradutores, suas competências, etc.

É justamente neste ramo que esta monografia se concentra, quando se propõe a analisar entrevistas concedidas por dois escritores-tradutores a respeito de suas vidas. Por meio delas, analisaremos aspectos do fazer tradutório, mas que são atravessados por escolhas e influências pessoais e profissionais, inclusive porque são tradutores que escrevem, o que implica que aspectos destas duas atividades profissionais podem se mesclar.

2.2 Competência tradutória sob o olhar do modelo do PACTE

O mundo vem passando por diversas transformações, em especial, no que se relaciona ao campo do trabalho. As funções vão se ajustando aos novos tempos e demandas diferentes vão sendo criadas, requerendo uma formação permanente e uma capacidade de se adaptar a um mercado globalizado e em constante mudança.

Nesse cenário, despontam novas características do trabalho e, conseqüentemente, do trabalhador. Logo, tal contexto leva a pensar acerca do papel do profissional em termos de “competências profissionais”.

Tendo em vista tal reflexão, buscamos nos fundamentar em Amparo Hurtado Albir, professora e pesquisadora espanhola, que tem se dedicado a estudar a competência tradutória e seu rol de subcompetências. Segundo ela, no contexto pedagógico, essa ideia do mundo organizacional deu origem a um novo modelo pedagógico conhecido por “formação por competências” (Hurtado Albir, 2020). A autora, em trabalho de 2015, aponta que o termo “competência tradutória” (CT) começou a ser utilizado em meados da década de 1980 na área dos Estudos da Tradução, tornando-se mais proeminente e ganhando espaço no campo da pesquisa em Tradução.

Para além desses profissionais, de maneira geral a autora define que a competência profissional é uma espécie de saber-fazer complexo, o qual envolve conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que asseguram o exercício profissional.

Para ela, a competência não está relacionada somente a saber algo, mas a saber fazer e ser capaz de sentir este algo:

[...] pode-se dizer que a competência integra um saber (um conjunto de conhecimentos específicos de uma disciplina), um saber-fazer (habilidades para resolver problemas práticos), bem como um saber-ser (habilidades de tipo afetivo e social). Em outras palavras, uma competência é, ao mesmo tempo, um *saber*, um *poder* e um *querer* (Hurtado Albir, 2020, p. 375).

No caso específico de tradutores, a chamada de competência tradutória trata de um conjunto de conhecimentos declarativos e operacionais necessários ao traduzir (Hurtado Albir, 2020).

De acordo com Hurtado Albir (2015), o grupo PACTE (Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação), da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, dedicou-se a estudar as competências tradutórias (CT). Criado em 1997, o PACTE desenvolveu pesquisas empírico-experimentais a respeito das CT e sua aquisição. Isso, porque a autora e seu grupo entendem que há um conjunto de conhecimentos e de habilidades que diferencia o tradutor de outras pessoas que são meramente falantes de mais de um idioma, isto é, de bilíngues.

Segundo ela, a primeira versão do modelo de competência tradutória proposto pelo PACTE foi apresentada em 1998 e publicada em 2000. Ele era composto por quatro competências: comunicativa em duas línguas, extralinguística, profissional-instrumental e psicofisiológica. De acordo com Hurtado Albir (2020), aquele primeiro modelo foi revisado e passou a contar com cinco elementos, chamados de subcompetências, além dos componentes psicofisiológicos. São eles:

- 1) Subcompetência bilíngue: conhecimentos de natureza operacional necessários à comunicação em duas línguas. São conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos;
- 2) Subcompetência extralinguística: conhecimentos sobre o mundo em geral e sobre áreas específicas. São conhecimentos enciclopédicos e temáticos;
- 3) Subcompetência de conhecimentos sobre tradução: conhecimentos sobre os princípios que regem a tradução e sobre os aspectos profissionais;

Segundo Hurtado Albir (2020), assim como Gonçalves e Machado (2006) e Alves (2015), a forma como tais competências são adquiridas ainda não é muito clara, e poucos são os estudos se dedicam a investigar isso. O que se sabe é que seu processo de aprendizagem, de desenvolvimento e de mobilização não é linear e requer estratégias de aprendizagem. Entendemos que muitos desses processos podem ser aprendidos em curso de formação de tradutores, mas que, possivelmente, não se encerram neles.

Segundo Silva-Reis e Milton (2006), parte dos tradutores profissionais não tem formação na área. Ademais, de acordo com uma sondagem da Associação Brasileira de Tradutores (ABRATES), apenas 29% dos tradutores profissionais tinham se formado em Tradução, e 38% fizeram cursos de pós-graduação (Costa; Silva, 2017); algo reforçado pelo estudo de Nanetti e Felipini (2018). Isso não resulta no desmerecimento da formação acadêmica; ao contrário, Goulart (2023) reconhece como o curso de graduação em Tradução auxilia na aquisição e no desenvolvimento das competências tradutórias.

Em síntese, esta discussão nos leva a afirmar que as muitas competências tradutórias vão sendo adquiridas, desenvolvidas e mobilizadas ao longo da própria prática profissional, que também são influenciadas por escolhas ou trajetórias de vida acadêmica e profissional. É sobre isso que esta monografia irá se debruçar, tomando como ponto de partida dados de duas entrevistas concebidas por escritores-tradutores à coleção *Palavra de Tradutor*.

3 A PESQUISA

3.1 Objetivos

3.1.1 *Objetivo geral*

Compreender aspectos do fazer profissional de escritores-tradutores brasileiros por eles declarados que propiciem reflexões à formação de tradutores.

3.1.2 *Objetivos específicos*

- Identificar diferentes escolhas profissionais que levaram os entrevistados a trabalhar com tradução;
- Identificar estratégias de tradução empregadas pelos escritores-tradutores entrevistados;
- Elencar quais competências tradutórias se revelam no fazer profissional dos escritores-tradutores entrevistados.

3.2 A pergunta de pesquisa

- Que aspectos do fazer profissional de tradutores podem ser depreendidos quando esses profissionais falam de si?

3.3 Delimitação e caracterização do *corpus*: A coleção *Palavra de Tradutor*

Segundo o site do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PPGET), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a *Coleção Palavra de Tradutor*⁴ é um projeto editorial em que cada volume da série reúne entrevistas, cronologias, fragmentos de trabalhos e dados biográficos de grandes tradutores, promovendo o reconhecimento e a valorização desses profissionais. Segundo a PPGET, a função de tais entrevistas pode ser descrita como:

⁴ Disponível em: <https://ppget.posgrad.ufsc.br/colecao-palavra-de-tradutor/>. Acesso em: 12 jun. 2026.

Por meio de depoimentos críticos e reflexivos, os tradutores elucidarão, na medida do possível, aspectos variados do labor tradutório, promovendo discussões sobre vários temas de interesse ligados à sua prática e ao seu posicionamento teórico (UFSC, 2025).

Cada volume da série é dedicado a um tradutor, cuja obra seja relevante no cenário nacional, seja porque importantes textos estrangeiros foram traduzidos para o público brasileiro, seja porque o tradutor entrevistado inseriu textos brasileiros em outros países por meio de suas traduções. Os organizadores de cada volume são responsáveis por prefaciar o material e elaborar as perguntas, as quais podem ser ampliadas por terceiros, que passam a ser colaboradores. Daí, decorre que cada volume pode conter perguntas distintas.

Os coordenadores que participam ou atuaram na coleção são: Andréia Guerini; Dirce Waltrick do Amarante (2018 – 2025); Karine Simoni; Sérgio Medeiros (2018 – 2025) e Walter Carlos Costa.

Quando este trabalho foi produzido, havia disponibilizado, no portal da Coleção *Palavra de Tradutor*, 16 volumes, tendo os seguintes tradutores como convidados: Daniele Petruccioli, Irineu Franco Perpétuo, Max de Tomassi, Gonzalo Aguilar, Amina di Munno, Safa Jubran, Ivone Benedetti, Jorio Dauster, Ana Maria Machado, Adrien Delpech, Caetano Galindo, Xuefei Min, Aurora Bernardini, Donaldo Schüller, Paulo Henriques Britto e Christopher Stone.

3.4 Escritores-tradutores na coleção *Palavra de Tradutor*: Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto

Neste trabalho, decidimos analisar entrevistas de tradutores disponíveis no *site* da Coleção concedidas por tradutores que também atuam como escritores. Assim como apontam Santos e Rassier (2017), os escritores-tradutores acabam por gerar uma espécie de intervenção criativa no texto-fonte, algo que pode ser oriundo de sua própria experiência poética em diálogo com as obras que traduzem, ou seja, “o tradutor (in)conscientemente reveste sua tradução de marcas de sua própria cultura e estilo” (Santos; Rassier, 2017, p. 12).

A partir do recorte inicial, decidimos nos debruçar sob aquelas entrevistas concedidas por escritores-tradutores que ocupam uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), uma vez que isso releva também sua posição de destaque no sistema

literário brasileiro. Além desse aspecto, já que se considerar a trajetória consolidada na área literária, fato esse evidenciado pelos diversos prêmios que ambos receberam. Tal recorte reduziu nosso *corpus* para apenas dois entrevistados, a saber: Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto. Nenhum outro tradutor da coleção, ao tempo da produção da pesquisa, reunia essa condição de membro da ABL e tradutor literário ativo.

Ana Maria Machado ocupa, desde 2003, a cadeira de número 1 da Academia Brasileira de Letras (ABL), tendo sido sua presidente de 2011 a 2013. Já Paulo Henriques Britto tomou posse na ABL em setembro de 2025, passando a ocupar a cadeira de número 30.

A escolha de ambos os escritores-tradutores justifica-se ainda pela expressiva publicação de reflexões sobre tradução, na ampla legitimação institucional de suas trajetórias e na relevância de suas reflexões para os objetivos desta pesquisa. Além disso, os dois constituem casos de articulação entre autoria e tradução, permitindo investigar de forma aprofundada as interseções entre criação literária, mediação cultural e prática tradutória.

Ana Maria Machado é autora de livros para crianças, jovens e adultos. Atuou como professora de línguas, mas também como jornalista em jornais impressos e em rádio, tendo escrito diversos ensaios sobre literatura e leitura. Ainda de acordo com as organizadoras, Andreia Guerini e Dirce Waltrick do Amarante, Ana Maria Machado recebeu diversos prêmios, sendo a segunda brasileira a receber o prêmio *Hans Christian Andersen*⁵ em 2000, considerado o maior de literatura infantojuvenil, concedido pelo *International Board on Books for Young People* (IBBY).

Além disso, Ana Maria Machado atuou como tradutora de várias obras literárias para o português⁶, além de ter tido muitos de seus livros traduzidos para diversos idiomas.

Por fim, Galindo e Costa (2019) apresentam Paulo Henriques Britto, adjetivado, por eles, como o maior poeta brasileiro em atividade, com sete livros de poesia publicados, além de um de ficção (*Paraísos artificiais*, 2004), o qual lhe rendeu um prêmio Jabuti. Desde os anos 1980, atua como tradutor, possuindo em seu currículo

⁵ Vale salientar que a autora brasileira a vencer o prêmio, na categoria escrita, foi Lygia Bojunga, em 1982. Após Machado, Roger Mello foi o primeiro brasileiro a vencer na categoria ilustração, em 2014.

⁶ DITRA. *Ana Maria Machado*. Disponível em: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/AnaMariaMachado.htm> Acesso em: 8 jul. 2026.

mais de 100 livros traduzidos. Britto⁷ é formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e desde 1978 atua como professor nesta mesma instituição no curso de Tradução, tanto na graduação quanto na pós-graduação na área. Sua obra como tradutor engloba textos em prosa, mas, essencialmente, poesia, com destaque para poetisas, como Elizabeth Bishop.

3.5 Procedimentos metodológicos de análise

A leitura das entrevistas em questão permite que identifiquemos as diferentes escolhas profissionais que levaram os entrevistados a trabalhar com tradução, as estratégias de tradução empregadas e elencar quais competências tradutórias se revelam no fazer profissional dos escritores-tradutores entrevistados.

Vale destacar que o roteiro empregado em cada uma das entrevistas não foi o mesmo, o que exigiu um olhar analítico minucioso para tecer pontos de aproximação entre os relatos dos entrevistados. Foi justamente esse olhar que nos permitiu elaborar as categorias de análise, com base na Análise do Conteúdo proposta por Bardin (2016).

Segundo Valle e Ferreira (2024), a Análise do Conteúdo constitui uma das técnicas de análise mais empregadas nas pesquisas sociais. Os dados analisados, em geral, são oriundos de entrevistas, questionários, observação, entre outros instrumentos e tem como objetivo explorar os sentidos que os participantes atribuem a determinado tema, problema e/ou fenômeno.

De acordo com Bardin (2016), a Análise do Conteúdo compreende três fases: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, seguido da interpretação. A pré-análise corresponde ao momento de organização e preparação do *corpus* que será analisado, isto é, dos materiais que serão analisados. No presente estudo, esse *corpus* é constituído pelas entrevistas publicadas. Nessa etapa, realiza-se chamada leitura flutuante, isto é, procedimento que possibilita o refinamento das hipóteses e o delineamento das primeiras direções analíticas. A fase de exploração do material consiste no processo de transformação dos dados brutos, como os textos das entrevistas, em unidades de análise significativas para os objetivos da pesquisa.

⁷ DITRA. Paulo Henriques Britto. Disponível em: <https://dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/PauloHenriquesBritto.htm> Acesso em: 8 jul. 2026.

À medida que essas unidades revelam padrões recorrentes, podem ser agrupadas em categorias de análise. Quando tais categorias emergem do próprio *corpus*, sem definição prévia pelo pesquisador, Bardin (2016) as denomina categorias não apriorísticas.

De acordo com Bardin (2016), as categorias podem ser apriorísticas ou não apriorísticas. As categorias apriorísticas são aquelas estabelecidas antes da análise dos dados, definidas com base em teorias, conceitos ou hipóteses preexistentes que orientam a investigação. Este tipo de categoria é utilizado quando o pesquisador já possui um entendimento prévio sobre o tema e deseja verificar se os dados coletados confirmam ou refutam essas hipóteses ou conceitos teóricos. As categorias são, portanto, preconcebidas e orientam a codificação dos dados conforme um quadro teórico estabelecido. Já as categorias não apriorísticas são aquelas que emergem totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa, o que inicialmente exige do pesquisador um intenso ir e vir ao material analisado e teorias embasadoras, além de não perder de vista o atendimento aos objetivos da pesquisa. A verdade é que não existem fórmulas mágicas que possam orientar o pesquisador na categorização, e que nem é aconselhável o estabelecimento de passos norteadores (Campos, 2004, p. 614).

No caso deste estudo, extraímos, após leitura e análise das entrevistas, duas categorias não apriorísticas: motivações pessoais para o trabalho com tradução e estratégias de tradução empregadas/competências tradutórias mobilizadas. Quanto à primeira, nosso intuito foi entender como se deu o processo de escolha por essa atividade profissional; quanto à segunda, nosso propósito foi compreender como, uma vez como profissionais já consolidados, atuam no fazer tradutório.

Vale destacar, entretanto, que nem todos os aspectos elencados nas entrevistas foram encaixados perfeitamente nestas categorias criadas previamente. Trata-se sempre de uma tentativa de verificar semelhanças e aspectos em comuns, mas que deixam de fora particularidades de cada um dos entrevistados.

3.6 Categorias de análise não apriorísticas

a) Motivação profissional

Iniciamos com Ana Maria Machado, cujos primeiros contatos com a tradução ocorreram ainda na juventude e foram motivados por uma situação familiar, sem qualquer intenção de atuação profissional. Em seu depoimento, a autora recorda:

Meu irmão Nilo, um pouco mais moço, queria ler um *Robin Hood* dessa coleção porque tínhamos visto o filme. Eu traduzi para ele, capítulo a capítulo, a mão, num caderno (Guerini; Amarante, 2021, p. 17).

Se, em um primeiro momento, a tradução surgiu de maneira espontânea e sem finalidade profissional, posteriormente ela passou a integrar sua vida laboral, inicialmente como uma atividade complementar à renda. Em seu relato, Ana Maria Machado afirma:

[...] Para complementar o salário (de professora), passei a escrever como *freelancer* para a imprensa e comecei a fazer traduções (Guerini; Amarante, 2021, p. 18).

Por sua vez, Paulo Henriques Britto também ingressou na atividade tradutória de forma despretentiosa e não planejada. Seu principal objetivo era tornar-se escritor, ao passo que a tradução e a docência surgiram como alternativas profissionais para garantir sua subsistência, conforme relata:

Sempre quis ser escritor, mas na verdade meu sonho era ser romancista. Aliás, o que eu queria ser de verdade era músico, mas por volta dos 16 anos – quando já estava estudando piano há uns dois anos – eu já tinha perfeita consciência da minha completa falta de talento musical. Do mesmo modo, comecei a me concentrar na poesia porque todas as minhas tentativas de escrever romances naufragaram, gerando no máximo contos. Tanto o trabalho de professor quando o de tradutor foram coisas em que entrei sem muito plano, basicamente porque precisava ganhar algum dinheiro (Galindo; Costa, 2019, p. 17).

A ideia prévia de se tornar tradutor não parece ser algo presente nele, possivelmente, até pela pouca presença desse profissional à época. Antes de

ingressar no mercado editorial, suas experiências com a tradução restringiam-se a iniciativas informais, voltadas principalmente para auxiliar amigos e conhecidos:

Eu nunca tive um projeto de me tornar tradutor. Na adolescência, de vez em quando eu traduzia uma letra de música para mostrar a alguém que não sabia inglês. Depois, na Califórnia, traduzi para o inglês algumas letras de canções e poemas para mostrar aos meus amigos de lá. De volta ao Brasil, comecei a trabalhar como professor de inglês, e um amigo meu me chamou para uma editora aqui do Rio que estava precisando de tradutores. Na verdade, eles queriam era um serviço de revisão de traduções já feitas. Foi meu primeiro trabalho profissional nessa área (Galindo; Costa, 2019, p. 18).

Assim como ocorreu com Ana Maria Machado, a prática tradutória de Paulo Henriques Britto antecedeu sua profissionalização, surgindo inicialmente em contextos cotidianos e informais, motivada pelo desejo de facilitar o acesso de outras pessoas a textos em língua estrangeira. Em ambos os casos, a tradução foi incorporada ao percurso profissional de maneira gradual, sem que houvesse, a princípio, um projeto deliberado de se tornar tradutor. Mais do que narrar trajetórias individuais, os depoimentos de Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto evidenciam um aspecto relevante da constituição da competência tradutória: a prática da tradução antecede, em ambos os casos, a própria identidade profissional do tradutor. Antes de ingressarem no mercado editorial, ambos já recorriam à tradução como forma de mediação linguística e cultural em situações cotidianas, seja para possibilitar ao irmão o acesso a uma obra literária, seja para compartilhar letras de músicas e poemas com amigos.

Vale ressaltar que o almejado nos cursos de formação de tradutores hoje é justamente uma via contrária, ou seja, inicialmente busca-se construir uma identificação com a área, para depois seguir para uma profissionalização, algo que não ocorreu com os entrevistados.

Sob a perspectiva do PACTE (2003, 2005) e de Hurtado Albir (2001, 2015), tais experiências evidenciam momentos iniciais de desenvolvimento da competência tradutória, especialmente da subcompetência estratégica, uma vez que exigiam a identificação de problemas de tradução, a tomada de decisões e a busca por soluções adequadas a interlocutores específicos. Esses relatos sugerem, portanto, que a competência tradutória não se inaugura com a profissionalização, mas é construída progressivamente por meio de práticas de mediação que, em ambos os casos, antecedem o ingresso formal na profissão.

Além disso, observa-se que a motivação inicial para traduzir não era econômica nem decorrente de um projeto deliberado de carreira, mas fundamentava-se em necessidades comunicativas e relações interpessoais. Apenas posteriormente a tradução passou a ser incorporada como atividade remunerada, indicando que a profissionalização foi consequência de uma competência previamente desenvolvida e continuamente aperfeiçoada ao longo da experiência.

b) Estratégias de tradução e competências tradutórias

Ao refletir sobre seu processo tradutório, Ana Maria Machado descreve procedimentos que permitem identificar estratégias recorrentes e aspectos relacionados ao desenvolvimento da competência tradutória. Quando questionada sobre a adoção de alguma teoria ou método específico para traduzir, afirma:

Não. Primeiro leio integralmente o texto para ter a visão do conjunto, Em seguida, começo a traduzir e vou em frente. Não tenho teorias nem estratégias prévias (Guerini; Amarante, 2021, p. 21).

Embora a tradutora declare não seguir teorias ou estratégias previamente estabelecidas, seu relato revela um procedimento sistemático de leitura global do texto antes do início da tradução. Sob a perspectiva de Hurtado Albir (2001, 2015) e do grupo PACTE (2003, 2005), essa prática pode ser compreendida como parte da subcompetência estratégica, responsável pelo planejamento do processo tradutório, pela identificação de problemas e pela coordenação das demais subcompetências ao longo da tradução.

Vale também problematizarmos a fala de Ana Maria, entendendo que ela lança mão de estratégias, ainda que não reconheça isso como uma teoria que guia sua ação. Isso revela que, ainda que ela não valide sua “teoria”, os cursos de formação de tradutores devem levar em conta que são aspectos que devem ser ensinados aos futuros profissionais.

Ao comentar os desafios da tradução de literatura infantil, Ana Maria evidencia que suas decisões extrapolam aspectos estritamente linguísticos e exigem conhecimentos culturais e editoriais:

[...] em muitos casos é necessário casar a nova versão com a ilustração – mantida na edição nacional, mas não traduzível. Como, por exemplo, encarar o desafio de incorporar um café da manhã à base de panqueca e cereais (antes que estes se tornassem populares por aqui) em livros para criança muito pequena, que não conhecia “flocos de milho”. Ou elaborar criativamente uma intertextualidade com alusões a *nursery rhymes*, parlendas ou outros elementos folclóricos ou da cultura tradicional de um país, desconhecidas de nosso leitor infantil (Guerini; Amarante, 2021, p. 24).

O depoimento evidencia a mobilização da subcompetência extralinguística, uma vez que a tradutora demonstra recorrer a conhecimentos sobre práticas culturais, literatura infantil, repertórios folclóricos e especificidades do público leitor para solucionar problemas de tradução. Ao mesmo tempo, observa-se a atuação da subcompetência estratégica, responsável por selecionar, entre diferentes possibilidades, aquelas mais adequadas aos objetivos comunicativos da obra.

Neste processo, Ana Maria procura equilibrar soluções, pensando não somente no público-alvo para o qual a obra se dirige, mas também à característica do material que tem em mãos:

Em livro para adultos, o tradutor não precisa se preocupar com isso [adaptação ao público]. Se há no texto uma alusão a um personagem de Shakespeare, por exemplo, ele pode manter e confiar que seu leitor a conhece ou terá seus próprios meios para sanar essa ignorância. Em livro para crianças se houver uma referência ocasional à Mary que tinha um carneirinho, é um problema. Se tiver que explicar, rompe-se o texto e se perde o fio. Se eliminar, perde-se uma alusão. Vai sempre ser preciso pesar prós e contras em cada caso e buscar soluções fiéis ao espírito do original e transmissíveis ao leitor. Além do mais, a qualidade literária da obra muitas vezes está ligada à intertextualidade, não dá para simplesmente se desviar da piscadela cultural e ignorar esse fato (Guerini; Amarante, 2021, p. 25).

Esse excerto ilustra um processo decisório compatível com a concepção de competência estratégica proposta pelo PACTE. Ao ponderar vantagens e limitações de diferentes soluções tradutórias, a escritora-tradutora evidencia a capacidade de avaliar problemas, formular alternativas e selecionar aquela que melhor preserva tanto o projeto do texto de partida quanto sua recepção pelo leitor da cultura de chegada. Trata-se de uma tomada de decisão fundamentada em critérios simultaneamente linguísticos, culturais e pragmáticos.

Situação semelhante ocorre quando a escritora-tradutora aborda a tradução de nomes de personagens, isto é, de nomes próprios, que requerem dela muito mais do

que apenas a tradução pelo seu equivalente em português. São conhecimentos sobre o mundo em geral, os quais refletem na percepção de como aquele novo termo passa a ser visto na cultura de chegada, que é uma subcompetência extralinguística:

[...] no clássico infantil *Black Beauty*, ao se traduzir o nome do garanhão como *Beleza Negra*, a concordância nominal vai toda para o feminino, mas o comportamento do personagem não é o de uma égua... Poderia dar vários exemplos similares, é um tipo de problema muito mais comum do que se imagina (Guerini; Amarante, 2021, p. 26).

Nesse caso, observa-se novamente a articulação entre diferentes subcompetências. A solução do problema demanda conhecimentos linguísticos relativos ao funcionamento do gênero gramatical em português, conhecimentos culturais sobre convenções de nomeação e, sobretudo, a capacidade estratégica de antecipar os efeitos interpretativos produzidos pela tradução na cultura de chegada.

Por fim, ao comentar sua tradução de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, Ana Maria sintetiza sua concepção de tradução:

Foi um desafio apaixonante. A liberdade que me concedi foi aproximá-lo do leitor brasileiro, tanto na linguagem quanto no repertório cultural – o que me pareceu parte intrínseca da tradução (Guerini; Amarante, 2021, p. 29).

Mais do que revelar uma preferência tradutória, esse posicionamento evidencia uma compreensão da tradução como processo de mediação cultural. A decisão de aproximar a obra do leitor brasileiro pressupõe a mobilização integrada das subcompetências bilíngue, extralinguística e estratégica, uma vez que exige avaliar continuamente os efeitos das escolhas tradutórias sobre a recepção do texto. Sob a perspectiva do PACTE, a atuação da tradutora ilustra que a competência tradutória não consiste apenas no domínio de duas línguas, mas na capacidade de integrar diferentes conhecimentos e estratégias para solucionar problemas específicos em função do contexto, do gênero textual e do público-alvo.

Ana Maria realiza seu trabalho como alguém que entende a tarefa de traduzir como quem transporta frágeis objetos. Ao ser questionada se se percebe como autora das obras que traduz, Ana Maria Machado apresenta uma metáfora que sintetiza sua concepção de tradução:

Acho que não. Certamente, não muito. Sinto-me mais como uma transportadora de objetos frágeis, que deve fazer a entrega de algo precioso e delicado, sem deixar quebrar (Guerini; Amarante, 2021, p. 31).

A imagem do tradutor como alguém responsável por transportar um objeto precioso revela uma concepção ética da tradução. Mais do que reproduzir conteúdos linguísticos, a tradutora evidencia uma preocupação constante com a preservação dos efeitos estéticos e literários do texto de partida. Sob a perspectiva do PACTE, essa postura pressupõe a articulação entre as subcompetências bilíngue, extralinguística e estratégica, uma vez que conservar o "espírito" da obra implica tomar decisões sucessivas diante de problemas que ultrapassam a mera equivalência lexical.

Essa compreensão também se manifesta quando relata o processo de adaptação multicultural realizado na tradução a quatro mãos:

Não consegui trabalhar a dois na tradução de *Mas que Festa!* para o espanhol. Mas na versão para o francês, consegui e foi ótimo, fizemos as adaptações multiculturais necessárias à realidade da nova cultura para a qual a história estava viajando, nos entendemos lindamente para as novas ilustrações que passaram a ser necessárias, incorporando imigrantes magrebins no lugar de imigrantes nordestinos, foi um prazer (Guerini; Amarante, 2021, p. 38).

O depoimento evidencia que traduzir pressupõe um processo contínuo de negociação cultural. A substituição de referências sociais e culturais demonstra que as decisões tradutórias não decorrem exclusivamente da competência linguística, mas da capacidade de avaliar os efeitos produzidos pelo texto na cultura de chegada, mobilizando conhecimentos culturais e estratégias de adaptação compatíveis com os objetivos comunicativos da obra.

No caso de Paulo Henriques Britto, as entrevistas permitem identificar diferentes competências mobilizadas ao longo de sua trajetória profissional. Ao descrever o modo como realizava pesquisas terminológicas no início da carreira, na década de 1980, o tradutor afirma:

De vez em quando eu dedicava um dia à tarefa de pesquisar termos. Eram idas à Biblioteca Nacional, à biblioteca do IBEU, à biblioteca do Jardim Botânico... por vezes eu ia à casa de um professor ou especialista, com um caderninho onde estavam anotadas as dúvidas [...] se saía uma revista com um artigo com muitos termos sobre um assunto que eu desconhecia, eu guardava o artigo, pensando que ele poderia ser útil algum dia (Galindo; Costa, 2019, p. 23).

Esse relato evidencia a subcompetência instrumental, compreendida pelo PACTE como a capacidade de localizar, selecionar e avaliar fontes de documentação. Ao mesmo tempo, o depoimento revela como essa competência é historicamente situada. Em um período anterior à popularização da Internet e das bases digitais, a pesquisa terminológica exigia a construção de redes pessoais, consultas presenciais a bibliotecas e especialistas e organização sistemática de materiais de referência.

Sobre a tradução literária, Paulo Henrique revela aspectos que mostram que sua habilidade como tradutor se relaciona diretamente com a atividade de criação literária. Isso fica evidente quando questionado por que se dedica à tradução literária, sendo que outras áreas são financeiramente mais interessantes:

[...] porque dá muito prazer. Traduzir dá um prazer muito próximo ao de escrever; traduzir um romance é uma experiência com muitos pontos em contato com a de escrever um romance; no caso da poesia, a proximidade é ainda maior (Galindo; Costa, 2019, p. 27).

Essa percepção reforça uma concepção amplamente discutida nos Estudos da Tradução, segundo a qual a tradução literária constitui uma modalidade de escrita criativa. O tradutor não se limita à transferência de significados, mas recria efeitos estilísticos, vozes narrativas e recursos expressivos, aproximando sua atuação daquela desempenhada pelo escritor.

Sobre as dificuldades cotidianas do trabalho, ele comenta sobre sua relação com outros profissionais da editora e as estratégias que emprega nesses casos:

Meu método de trabalho atual com a Companhia das Letras é o que me parece ideal: eu mando a tradução para eles, o revisor me devolve o texto todo corrigido e anotado, e eu tenho que aprovar cada uma das mudanças, o que acontece com a grande maioria delas. Mas quando aparece uma alteração com a qual eu não concordo, eu justifico o motivo pelo qual prefiro a minha solução original, ou uma terceira solução que estou propondo agora. Quando acho que a solução que adotei corre o risco de ser rejeitada pelo revisor, faço um comentário à margem explicando a ele por que escrevi o que escrevi: um erro de gramática proposital, para indicar que o personagem que está falando tem pouca instrução, por exemplo (Galindo; Costa, 2019, p. 30).

Mais do que uma simples revisão textual, o processo descrito evidencia a atuação da subcompetência estratégica. O tradutor justifica escolhas, reavalia

soluções e reformula argumentos sempre que necessário, demonstrando que a tradução constitui um processo permanente de resolução de problemas e tomada de decisões. A mesma competência pode ser observada quando Britto discute a visibilidade do tradutor:

[...] Nas minhas traduções de poesia, sempre faço introduções, posfácios, notas; depois escrevo artigos acadêmicos abordando os problemas e soluções. Nesses lugares, faço questão de não ser invisível. Mas no texto traduzido, em si, tenho a obrigação ética de tentar ser o mais transparente possível (Galindo; Costa, 2019, p. 36).

Seu posicionamento revela uma compreensão sofisticada da autoria tradutória. Enquanto os paratextos (introduções, posfácios, notas) constituem um lugar legítimo para a manifestação da voz do tradutor, o texto traduzido demanda, segundo sua perspectiva, um compromisso ético com a construção discursiva da obra original.

Sobre os desafios na tradução, Britto revela estratégias que emprega quando se defronta com aspectos da oralidade das palavras, efeitos esses que se desafia a recriar na língua de chegada, o que poderíamos classificar como uma subcompetência linguística:

[...] Mesmo quando estudo poesia, o que mais me interessa é o que há de mais concreto: ritmo, distribuição de acentos e fonemas, uso de metáfora e metonímia etc. Na tradução, gosto de me debruçar sobre coisas bem pé na terra: como reproduzir o efeito de oralidade nos diálogos em obras ficcionais, como recriar em português os esquemas métricos do inglês; essas coisas [...] (Galindo; Costa, 2019, p. 38).

Nesse caso, observa-se a integração entre a subcompetência bilíngue e a estratégica, uma vez que a recriação de ritmo, sonoridade e efeitos estilísticos exige conhecimento aprofundado dos recursos expressivos das duas línguas, bem como decisões sucessivas acerca da melhor forma de reproduzi-los.

O mesmo teor aparece quando comenta a respeito de trabalhos que mais deram satisfação:

Os mais difíceis de todos, sem dúvida alguma, foram os livros de Thomas Pynchon, principalmente *O arco-íris da gravidade*, mas também *Mason & Dixon*, todo escrito num pastiche de inglês do século XVIII, que me obrigou a aprender a imitar o português do século XVIII e me preparou para a tradução das *Viagens de Gulliver*, algum tempo

depois – outro trabalho que me deu grande satisfação (Galindo; Costa, 2019, p. 60).

Essa mesma preocupação reaparece quando comenta as dificuldades encontradas na tradução de autores como Thomas Pynchon e Jonathan Swift, ou quando reconhece que determinadas perdas são inevitáveis na tradução poética. Em ambos os casos, evidencia-se uma compreensão da tradução como atividade interpretativa, em que ganhos e perdas são continuamente avaliados durante o processo tradutório.

Isso também fica evidente quando, na entrevista, ele faz uma análise de suas traduções abordadas em trabalhos acadêmicos:

Houve uma sobre minha tradução de “The Shampoo”, de Elizabeth Bishop, em que algumas das minhas soluções eram criticadas por deixarem de lado certas características formais e semânticas do original. A crítica não era descabida; aliás, omissões sempre ocorrem; é impossível recriar tudo o que a gente vê num poema, para não falar naquilo que a gente nem chega a perceber (Galindo; Costa, 2019, p. 45).

Sua competência como escritor se funde a de tradutor, quando ele comenta, em linhas gerais, o que faz um tradutor literário:

Eu diria que a melhor maneira de compreender o trabalho de tradução literária é encará-lo como uma forma de escrita, uma atividade literária. Em outras palavras, o tradutor literário é um tipo de escritor, um escritor que se dedica a uma forma específica de atividade literária, que é reescrever obras de outros autores numa língua diferente da língua do autor. Em última análise, é um trabalho de pastiche literário, o pastiche mais sofisticado que existe. Então o que se exige de um tradutor literário é mais ou menos a mesma coisa que se exige de um escritor [...] O tradutor literário precisa de todas as qualidades do escritor, talvez com exceção da imaginação [...] (Galindo; Costa, 2019, p. 47).

A fusão entre as competências de um tradutor e as de um escritor também ficam evidenciadas quando questionado acerca da habilidade de ler melhor quando se traduz:

Sem dúvida, o trabalho de tradução nos torna leitores melhores, e também, é claro, escritores melhores. A prosa que eu escrevo, tanto ensaística quanto ficcional, foi muitíssimo influenciada pelos incontáveis textos que li e traduzi ao longo da vida (Galindo; Costa, 2019, p. 49).

Na mesma linha de raciocínio, ele comenta como a carreira de poeta alimentou a de tradutor literário:

Acho que aprendi a escrever basicamente traduzindo, tanto prosa quanto poesia. Então boa parte do que eu faço hoje quando escrevo as minhas coisas é o que aprendi traduzindo os autores que mais me marcaram. (Galindo; Costa, 2019, p. 49)

Britto aproxima definitivamente as figuras do escritor e do tradutor ao afirmar que a tradução literária constitui uma modalidade específica de escrita. Essa concepção é reiterada quando reconhece que a experiência tradutória o tornou simultaneamente um leitor e um escritor mais competente. Seus depoimentos sugerem que escrever, traduzir e ler constituem práticas mutuamente constitutivas, cuja interação favorece o desenvolvimento contínuo da competência tradutória. Todavia, consideramos que, ainda que tal união possa ser desejável, não é algo necessário ao tradutor literário, uma vez que muitos deles não atuam paralelamente nas duas atividades. Essa ressalva vale também aos estudantes de Tradução, que arriscadamente podem não se reconhecer como futuros tradutores literários, caso não atuem também como escritores.

Em conjunto, os depoimentos de Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto evidenciam que a competência tradutória não pode ser reduzida ao domínio de duas línguas. As entrevistas revelam um processo complexo de mobilização integrada de conhecimentos linguísticos, culturais, documentais, estratégicos e literários, permanentemente articulados na resolução de problemas concretos de tradução. Além disso, mostram que a experiência como escritor alimenta o desenvolvimento da competência tradutória, ao mesmo tempo em que a prática da tradução retroalimenta a escrita literária, configurando um processo contínuo de formação profissional e artística.

Os fragmentos das entrevistas aqui elencados revelam a diversidade de estratégias que os participantes empregam no seu fazer cotidiano, muitas delas fruto de suas vivências também como escritores de obras literárias, o que indica a fusão que há entre os diversos fazeres profissionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem relação direta com aspectos atrelados à memória, os quais foram retomados por meio de entrevistas concedidas por Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto na Coleção *Palavra do Tradutor*, ainda que a memória seja um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento, como citamos na epígrafe. Identificamos a associação estreita que a memória guarda com os aspectos sociais e históricos do momento vivido por aquele que traz à luz suas recordações; logo nos permitiu entender melhor de que maneira as memórias dos tradutores permitem compreender aspectos relacionados à constituição da competência tradutória e às trajetórias de profissionalização, neste caso, na tradução literária. Ao tomar a memória como objeto de investigação, partiu-se do entendimento de que recordar significa reconstruir experiências à luz de contextos sociais e históricos específicos, o que torna os depoimentos fontes relevantes para a compreensão do fazer tradutório.

Encontramos isso nas entrevistas de Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto. Para ambos os entrevistados, em vez de resultar de um projeto profissional previamente delineado, a atividade tradutória surgiu inicialmente em situações cotidianas de mediação linguística, de forma não planejada, tendo seu início na atividade de traduzir ainda na adolescência ou juventude. Os primeiros trabalhos de ambos ocorreram de forma casual, geralmente como forma de complemento da renda da atividade como professores de inglês.

Esses relatos refletem, em grande medida, o contexto histórico da profissão no Brasil, período em que a tradução ainda não se encontrava plenamente institucionalizada nem amplamente reconhecida como profissão liberal, algo que veio a se dar em 1988. Logo, é possível compreender o não reconhecimento de ambos como aspirantes a uma atividade profissional que ainda estava ganhando contornos no Brasil. Mesmo à época, é possível identificar o trabalho de tradução como um complemento de renda, geralmente para docentes ou jornalistas, que eram os que estavam, de certa forma, em contato com atividades relacionadas à área de linguagem. Em suma, nesse cenário, atividades ligadas ao ensino, ao jornalismo e à literatura constituíam importantes portas de entrada para o exercício profissional da tradução.

Quanto às estratégias e competências mobilizadas, vemos que elas vão se constituindo, desenvolvendo e mobilizando à medida em que os desafios do fazer

profissional vão se impondo. Elas se mostram múltiplas e interconectadas. Logo, a subcompetência ligada à linguagem não se desconecta de aspectos instrumentais, como a busca de dados técnicos em biblioteca ou com especialistas, por exemplo. Da mesma maneira, o conhecimento linguístico extrapola suas fronteiras para elementos culturais, quando se faz necessário pensar na cultura de partida na sua relação com a de chegada. São competências recorrentemente mobilizadas por ambos os tradutores. Vale destacar ainda, a forte presença dos componentes psicofisiológicos que atravessam o fazer cotidiano, como a motivação e o desafio que certos trabalhos revelam, a criatividade demandada em situações em que há conflitos de cultura, os quais requerem um espírito crítico sempre alerta. Além disso, os relatos sugerem que o desenvolvimento da competência tradutória antecede, em muitos casos, a própria profissionalização, sendo construído progressivamente por meio de experiências informais de tradução que posteriormente se consolidam como atividade profissional.

Não menos importante, é destacar a influência que a atividade como escritor traz na prática de tradução e vice-versa. A experiência de criação literária amplia habilidades ligadas à construção do estilo, da voz narrativa, do ritmo, da oralidade e dos efeitos estéticos do texto, ao passo que a prática tradutória retroalimenta a escrita autoral. As entrevistas indicam, assim, que, no âmbito da tradução literária, a competência tradutória é continuamente atravessada pela experiência da escrita criativa, aspecto que extrapola a formação técnica normalmente associada aos modelos de competência tradutória. Em suma, competências inerentes à escrita autoral se fundem à tradução, que pode ser entendida também como uma criação, inclusive, facilitada quando se exerce paralelamente ao trabalho como escritor. Isso fica evidente nos fragmentos das entrevistas que revelam claramente a influência da criação autoral nas obras que traduziram.

Quando se pensa nestes aspectos no que diz respeito à formação de tradutores, é possível pensar na complexidade de competências que fazem parte do processo de traduzir. Julgamos que estas podem e devem ser adquiridas e desenvolvidas nos cursos de formação em Tradução, em particular nos Bacharelados. Mas percebemos que, por exemplo, a competência que a escrita de textos literários também amplia a competência tradutória daquele profissional.

Tais dados vão na direção de reforçar abordagens sociológicas nos Estudos da Tradução, ao evidenciar que o tradutor não executa meramente uma atividade técnica, mas que aspectos de sua biografia acabarão por compor o profissional que é e a forma

como ele traduz. As experiências acumuladas ao longo da vida, as oportunidades de inserção no mercado, as redes de contato e outras atividades intelectuais desenvolvidas paralelamente à tradução participam da constituição da identidade profissional e das estratégias mobilizadas diante dos desafios tradutórios. Logo, isso mostra que os cursos de formação podem exercer um raio de atuação limitado, uma vez que há aspectos do fazer tradutório que sofrerão influências oriundas das contingências da vida, como é o caso de atuar como tradutor simultaneamente ao de escritor, como mostram Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto. Isso é o que nos ensinam quando falam um pouco de si.

Este estudo reforça a importância dos Estudos do Tradutor como campo de investigação. Ao deslocar o foco do texto traduzido para a trajetória de quem traduz, torna-se possível compreender que a competência tradutória não é construída exclusivamente em cursos de formação ou no exercício da profissão, mas também nas experiências biográficas, culturais e literárias que estão presentes no percurso de cada tradutor. As entrevistas de Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto evidenciam precisamente essa dimensão humana da tradução, demonstrando que compreender o tradutor significa, em última instância, compreender também as circunstâncias históricas, sociais e intelectuais que moldam sua prática.

Por fim, os resultados desta pesquisa permitem compreender que a competência tradutória não se constitui apenas no exercício da profissão. Ela começa a ser tecida muito antes do ingresso formal no mercado, nas experiências de leitura, de escrita, de mediação entre línguas e culturas e nas vivências que compõem a trajetória singular de cada tradutor. Sob essa perspectiva, a competência tradutória revela-se como uma construção contínua, atravessada por aspectos biográficos, históricos, culturais e afetivos que acompanham o sujeito ao longo de sua vida. Mais do que ampliar a compreensão tradicional desse conceito, os depoimentos de Ana Maria Machado e Paulo Henriques Britto lembram que, antes de traduzir textos, o tradutor traduz o mundo a partir das experiências que o constituem. É justamente nessa confluência entre vida e tradução que se evidencia a dimensão profundamente humana do fazer tradutório.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, D. W. de; TÁPIA, M. **Donald Schöler**: entrevista. Curitiba, PR: Medusa, 2018. 177 p. (Coleção palavra de tradutor)
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CHESTERMAN, A. O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor. Tradução de Patrícia Rodrigues Costa e Rodrigo D'Ávila Braga Silva. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014.
- COSTA, P. R.; SILVA, R. D. C. Entrevista com Liane Lazoski Huet de Bacellar. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 265-270, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11470/10097> Acesso em: 2 jun. 2026.
- PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO. **Coleção Palavra de tradutor**. Florianópolis, 2026.
Disponível em: <https://ppget.posgrad.ufsc.br/colecao-palavra-de-tradutor/> Acesso em: 29 maio 2026.
- FONSECA, S. G. **Ser professor de História**: vidas de mestres brasileiros. 1997. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- GALINDO, Caetano W.; COSTA, Walter Carlos Costa. **Paulo Henriques Britto**: entrevista. Curitiba, PR: Medusa, 2019. 168p. (Coleção palavra de tradutor)
- GONÇALVES, J. L.V.R. Repensando o desenvolvimento da competência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 114-130, 2015.
- GONÇALVES, J. L. V. R.; MACHADO, I. T. N. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos De Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 45–69, 2006. DOI: <https://doi.org/10.5007/%x>
Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6856>
Acesso em: 28 mar. 2025.
- GOULART, D. F. **As subcompetências tradutórias na qualificação do tradutor**: um estudo de caso da versão para o francês da webcomic O Homem do Rodo. 2023. 85 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e Francês, Porto Alegre, 2023.

GUERINI, A.; AMARANTE, D. W. do (org.) **Ana Maria Machado**: entrevista. Curitiba, PR: Medusa, 2021. (Coleção palavra de tradutor)

HURTADO ALBIR, A. The Acquisition of Translation Competence. Competences, Tasks, and Assessment in Translation Training. **Meta**, Montréal, v. 60. N. 2, p. 256-260, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1032857ar> Acesso em: 27 maio 2026.

HURTADO ALBIR, A. Competência tradutória e formação por competências. Tradução de Lavínia Teixeira Gomes e Marta Pragana Dantas. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 367–416, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p367>. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p367>. Acesso em: 31 ago. 2025.

KAINDL, K. The translator's nested identities: translator studies and the auto/biographical turn. **Perspectives**, v. 33, n. 2, p. 326-340, 2025. DOI: 10.1080/0907676X.2024.2421772

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

NANETTI, J. R. C.; FELIPINI, L. M. G. O perfil do Tradutor Público e Intérprete Comercial: um estudo sobre competências tradutórias. **TradTerm**, São Paulo, v.32, dezembro/2018, p. 91-115. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v32i0p91-115> Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/145094> Acesso em: 28 mar. 2025.

PAIVA, M. R. **Ainda estou aqui**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

SANTOS, S. M. dos; RASSIER, L. W. O escritor-tradutor: diálogos poéticos no texto traduzido. O caso de Mario Quintana tradutor de Proust. **TradTerm**, São Paulo, v. 29, p. 8-27, jul./2017.

SILVA-REIS, D.; MILTON, J. História da Tradução no Brasil: percursos seculares. **Translatio**, Porto Alegre, n. 12, p. 2-42, dez./ 2016.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. L. Análise do conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **SciELO Preprints**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7697> Acesso em: 6 mar. 2025.

WYLER, L. **Línguas, Poetas e Bacharéis** – uma crônica da tradução no Brasil, Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 158p.

ZICA, G. Breve panorama histórico da tradução no Brasil. In: MITALLE, K.; QUEIROZ, S. **Editoras mineiras**: o lugar da tradução. Belo Horizonte: Viva Voz, 2015. p. 25 – 38.